



A PRESENÇA DO ESTADO NA PAISAGEM TRANSFRONTEIRIÇA

Janaína Costa Teixeira ¹

RESUMO

A presença do estado na paisagem transfronteiriça e as ambiguidades na interpretação das imagens surgiram a partir das discussões nas aulas desta disciplina, que nos remetem aos estudos fronteiriços com todos os seus complexos elementos sócio territoriais e geopolíticos. As imagens são recursos que nos auxiliam a pensar sobre as intervenções do estado no espaço e o quanto essas estruturas e formas institucionalizadas e institucionalizantes estão presentes na paisagem transfronteiriça todo o tempo pautando condutas e nos informando onde estamos e como devemos proceder nesse território. As imagens selecionadas nesse texto são parte do acervo de fotografias do trabalho de campo à fronteira entre Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY).

Palavras-chave: Paisagem transfronteiriça, iconografias, presença estatal.

RESUMEN

La presencia del Estado en el paisaje transfronterizo y las ambigüedades en la interpretación de las imágenes surgieron de las discusiones en las clases de esta asignatura, que nos conducen a estudios fronterizos con todos sus complejos elementos socio-territoriales y geopolíticos. Las imágenes son recursos que nos ayudan a pensar sobre las intervenciones del Estado en el espacio y cuánto estas estructuras y formas institucionalizadas e institucionalizadas están presentes en el paisaje transfronterizo todo el tiempo, guiando comportamientos e informándonos dónde estamos y cómo debemos proceder en este territorio. Las imágenes seleccionadas en este texto forman parte de la colección de fotografías de trabajo de campo en la frontera entre Ponta Porã (BR) y Pedro Juan Caballero (PY).

Palabras clave: Paisaje transfronterizo, iconografías, presencia estatal.

ABSTRACT

La présence de l'État dans le paysage transfrontalier et les ambiguïtés dans l'interprétation des images ont émergé des discussions dans les classes de ce sujet, qui nous conduisent à des études de frontière avec tous ses éléments socio-territoriaux et géopolitiques complexes. Les images sont des ressources qui nous aident à réfléchir sur les interventions de l'État dans l'espace et à quel point ces structures et formes institutionnalisées et institutionnalisées sont présentes dans le paysage transfrontalier à tout moment, guidant les comportements et nous informant où nous sommes et comment nous devons procéder dans ce domaine. territoire. Les images sélectionnées dans ce texte font partie de la collection de photographies de terrain à la frontière entre Ponta Porã (BR) et Pedro Juan Caballero (PY).

Mots-clés: Paysage transfrontalier, iconographies, présence étatique.

¹ Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, janart@terra.com.br ;



INTRODUÇÃO

A construção da fronteira pelo Estado nas representações de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY) como uma metodologia que busca identificar elementos para além dos discursos das superfícies visíveis. As manifestações expressas nas memórias de guerra, placas, barreiras e marcas na fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã constituem estruturas, funções, formas e dinâmicas na fronteira. Percebemos nos detalhes da paisagem toda a construção sociológica deste imaginário nessa imagem-paisagem. Pois essa reflete uma série de constituições de alteridades territoriais, que estão no local, mas que nos remetem ao global, destacando a multiplicidade desse território. Pois denotam a presença do Estado que coordena as relações por meio de instituições que estão presentes nessas manifestações da paisagem transfronteiriça entre Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY).

O trabalho tem o seguinte objetivo: identificar a presença do estado na paisagem transfronteiriça, por meio de imagens e registros fotográficos que denotam esses elementos ao longo da paisagem de fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Entendemos que o estado faz uso de representações e iconografias para se consolidar como referência de controle e domínio territorial, principalmente na Linha Internacional, região marcada por intenso fluxo de pessoas e mercadorias. Em virtude do Centro Popular de Comprar, dos grandes Shoppings Centres e das faculdades de medicina, que se concentram nesta região, é constante o trânsito de pessoas na fronteira.

Daremos destaque às fotografias desta fronteira, pois tratam-se de imagens, que buscam captar as transformações na paisagem de fronteira, mais especificamente na Linha Internacional e seu entorno como: as ruas, os comércios, o Centro Popular de Compras, os monumentos, as escolas, os prédios públicos, são as imagens, as quais estão expressas a presença do estado enquanto marca / iconografia. Destacamos a concepção de Jean Gottmann (1915-1994), sobre território e fronteiras dos Estados, em termos de sua grande enquanto um geógrafo, que investigou por toda a sua vida, a importância na estrutura jurídica do estado na conformação do território e vice-versa, conforme o trecho em destaque:



Território é uma porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo. É o recipiente físico e apoio do corpo político organizado sob uma estrutura governamental. Descreve a arena espacial do sistema político desenvolvido dentro de um Estado nacional ou uma parte desse dotado de alguma autonomia. Serve também para descrever as posições no espaço de várias unidades que participam em qualquer sistema de relações internacionais. De maneira, portanto, que o território é considerado como um elo ideal entre o espaço e a política. Uma vez que, a distribuição territorial das várias formas de poder político tem mudado muito ao longo da história, ele também pode servir como uma eficaz expressão das relações entre tempo e política (GOTTMANN, 1975, p.29).

Os conceitos utilizados neste trabalho são o de paisagem de Santos (2014) e Verdum (2016); os conceitos de território e territorialidade de Saquet (2007, 2015 e 2011). Nos apoiamos nos conceitos de territorialização, desterritorialização, reterritorialização e Multiterritorialidade de Haesbaert (2007) e nos conceitos de iconografia de Jean Gottmann (1952), assim como os conceitos de fronteira de Machado (1998). O conceito de identidade fronteira de Donnan (2001) e de presença do estado de Bourdieu (1996), assim como a Condição Fronteira de Dorfman (2010). Esses são os principais conceitos que serão utilizados para a apresentação deste trabalho, que versa sobre as marcas do estado no território que são perceptíveis na paisagem transfronteira. No caso a paisagem transfronteira está associada a um critério de interdependência, complementaridade e vida em comum entre duas cidades gêmeas. Em relação a categoria "transfronteira" categoria recorrente ao longo deste trabalho, é primordial destacar, conforme colocam Rückert e Grasland (2016), que:

Processo de transfronteirização e regiões transfronteiriças são conceitos em construção o que reflete a tentativa teórico-metodológica de explicitar os atuais processos em curso em diferentes realidades macro e microrregionais. Isto, por sua vez, impõe análises diferenciadas em um universo com realidades fronteiriças muito particulares de inúmeros casos localizados em vários continentes. Ambos os conceitos podem ser entendidos como diferenciações territoriais – isto é, múltiplas formas territoriais emergentes nos cenários de reestruturações territoriais contemporâneas. (RÜCKERT e GRASLAND, 2016, p. 93-94).

Entendemos que a dinâmica espacial marcada pelas placas de sinalização, as bandeiras demarcam a presença do estado na paisagem transfronteira em Ponta Porã (Br) e Pedro Juan Caballero (Py) dialoga com o vasto trabalho de Jean Gottmann, que em suas pesquisas fez ressurgir a discussão dos impactos das decisões políticas sobre o território, projetada nas formas da paisagem, sem ignorar as escolhas humanas e suas representações culturais. Para Gottmann o que estabelece os indivíduos e os fixa em um



lugar ou em um território não é a ordem ecológica: o vínculo que une os homens a esse ou àquele fragmento da superfície terrestre é o simbólico (CLAVAL, 2010 p. 372).

METODOLOGIA

O propósito deste trabalho é elaborar uma análise das iconografias e representações estatais – marcos e marcadores da/na paisagem fronteira na região compreendida entre a fronteira de Pedro Juan Caballero (Py) e Ponta Porã (Br). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois serão analisados os aspectos da presença do Estado na paisagem, suas marcas em virtude dos delimitadores de fronteira tais como: placas, marcos de limitação, sinalização de ambos os países, bandeiras, as edificações como postos de migração em Pedro Juan Caballero no Paraguai e na fronteira de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este por onde passamos entre os meses de outubro e novembro de 2019. A região de fronteira entre Ponta Porã (Br) e Pedro Juan Caballero (Py) por tratar-se de uma fronteira seca, apresenta um constante fluxo de mercadorias, serviços e pessoas de ambos os lados, essas relações promovem trocas econômicas e culturais, que além das experiências turísticas faz parte da construção sócio histórica dessas cidades gêmeas, assim como os marcos que sinalizam os limites territoriais entre os países. Por serem próximas, Ponta Porã (Br) é um município brasileiro do estado de Mato Grosso do Sul, Região Centro-Oeste e a cidade de Pedro Juan Caballero, no Paraguai, é notável as placas dos marcos de sinalização dispersos na Linha Internacional como forma de orientar as pessoas e ao mesmo tempo reforçar essas iconografias de fronteira. Por meio de fotografias em espaços abertos que traduzam as formas, funções, estruturas e dinâmicas socioespaciais expressas na paisagem em suas mais distintas representações. Nos territórios transfronteiriços estão presentes as iconografias esculpidas por uma sociedade que se quer inovadora, mas que preserva as suas memórias culturais geolocalizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As manifestações no território são representadas nas imagens de uma paisagem composta de elementos sociais, culturais e jurisdicionais como as instituições. Temos nas referências de iconografia de Jean Gottmann, que contribuiu para o pensamento geopolítico contemporâneo, tanto por sua rejeição ao determinismo geográfico, quanto



por sua ideia central de que são os homens que fazem a geografia e não o contrário. Tal produção do mundo resulta das escolhas políticas dos homens, mas também das representações culturais ou iconográficas que orientam suas ações (SILVA, 2017 p. 136). Nesse sentido, Gottmann conceitua a relação entre iconografia e território como representação do estado nos lugares.

Na tese de doutorado da Prof.^a Adriana, intitulada *Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais*, (2009), identificamos elementos visuais que destacam a presença do estado na paisagem transfronteiriça e a noção de um estado monumentalmente marcado na fronteira política e juridicamente. Por meio de imagens e registros históricos e entrevistas são retratados os modos de vida na região de fronteira entre Brasil e Uruguai e como os moradores fronteiriços desenvolveram hábitos e formas típicas de relacionar-se com os vizinhos estrangeiros e com o poder público central. Podemos notar as manifestações por meio de bandeiras, marcos, marcas, músicas tradicionalistas e nacionalistas. Essa imagem é muito emblemática, pois agrega no mesmo momento os registros dos mais diversos elementos que compõem a paisagem transfronteiriça e como se constitui essa organização territorial do espaço em termos jurídicos, na figura das ações políticas.

Identificamos a presença do Estado nas paisagens transfronteiriças, por meio de marcos delimitadores, placas de divisa territorial, por meio das bandeiras alocadas frente a frente na Linha Internacional, podemos notar a presença do Estado na sede de migração no momento em que fomos retirar o Permisso para viajarmos de ônibus de Pedro Juan Caballero até Foz do Iguaçu (BR). Nas fotografias é possível identificar sinalizações de limites de fronteiras, os postos de controle nas alfândegas.

Percebemos que houve muitas transformações na paisagem, mas a presença do Estado enquanto demarcador territorial é constante. Podemos notar a presença do Estado nas placas, que sinalizam as direções, e delimitam os domínios de cada município com seus idiomas distintos, sua espacialidade marcada pelas diferentes representações e iconografias, tornam a paisagem fronteiriça um polo de cultura que consolidam uma geografia das fronteiras. Embora haja o poder estatal, ainda assim, conseguem se diferenciar espacialmente através de sua diversidade.

Podemos notar as manifestações por meio de bandeiras, marcos, marcas, músicas tradicionalistas e nacionalismos. Essa imagem é muito emblemática, pois agrega no mesmo momento os registros dos mais diversos elementos que compõem a paisagem



transfronteiriça e como se constitui essa organização territorial do espaço em termos jurídicos, na figura das ações políticas. As paisagens transfronteiriças nos remetem ao pensamento das territorialidades múltiplas como no texto Território e Multiterritorialidade, (HAESBAERT, 2007), que buscou em outros pensadores estruturar a ideia de território como recurso para aqueles que detêm os bens de produção e de reprodução desses territórios e substrato para aqueles que estão em condições subalternas de sujeitos arraigados ao território como fonte de existência:

Para Raffestin, "um recurso não é uma coisa", a matéria em si, ele "é uma relação cuja conquista faz emergir propriedades necessárias à satisfação de necessidades". (1993:53). Como "meio para atingir um fim" (p. 225), não é uma relação estável, pois surge e desaparece na história das técnicas e da consequente produção de necessidades humanas. Milton Santos, inspirado em Jean Gottman, propõe distinguir o território como recurso, prerrogativa dos "atores hegemônicos", e o território como abrigo, dos "atores hegemonzados" (Santos et al., 2000:12). Se recurso é "um meio para obter um fim" (a acumulação e o lucro, para o capitalista, que pode abstrair-se da identificação com o espaço em que estes são realizados), para os "hegemonizados" o território, podemos dizer, seria "um fim em si mesmo -para eles, assim, "perder seu território é", efetivamente, em mais de um sentido, "desaparecer", como propuseram Bonnemaison e Cambrière (1996). (HAESBAERT, 2007, p.23).

Nesse sentido, percebemos que existem os múltiplos territórios que se prestam aos mercados aos avanços tecnológicos e ao capitalismo hegemônico, que são pouco fixos, pois estão constantemente migrando para lugares mais vantajosos para sua reprodução, ao passo que, também é possível notar as camadas hegemonzadas que estão integradas ao território ao ponto de serem determinados pelas decisões dos atores hegemônicos, que A presença do estado na paisagem transfronteiriça e as ambiguidades na interpretação das imagens, nos permitiu observar as relações que se tornam naturalizadas com esses marcos. dispõem tanto do território, quando das pessoas que nele habitam, em um processo de exploração ampliada dos recursos-territórios e de tudo que estiver nesse contido.

Essa proposta de Jean Gottmann de distinguirmos o território como recurso e como substrato para a existência de uma classe de hegemonzados que estão imbricados a essa realidade territorial. Como base de sua vivência é desafiadora, pois nos remete a um mundo segregado de interesses distintos com relação ao mesmo objeto. Fica evidente que o território é múltiplo, pois esse presta-se a essas muitas possibilidades de ser território (se alternando em espaço de existência, subsistência e de resistência).

Na sequência temos algumas imagens de marcos simbólicos de referências de limites entre os territórios brasileiro e paraguaio. As placas, que sinalizam as direções



indicam as orientações territoriais sempre carregadas de significados, pois essa proximidade com outro país nos posiciona e nos restringe, pois sempre fazemos uma escolha abdicamos das demais disponíveis.

Fotografia 1. Marcas da paisagem no centro das cidades, 2019.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Fotografia 2. Marcas da paisagem no centro das cidades.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.



Fotografia 3. Família trafegando na em avenida movimentada.



Fonte: arquivo pessoal, 2019

Apresentamos os prédios públicos, controles fronteiriços e bandeiras nas fotografias na sequência como forma de caracterizar as marcas do estado na paisagem fronteiriça. Na sequência a fotografia da placa da Divisa entre Paraguai e Brasil. E na outra fotografia as bandeiras dos países. Detalhe em ambas as fotografias é a imagem da autora desta pesquisa.

Fotografia 4. Placa da divisa de território entre Paraguai e Brasil.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.



Fotografia 5. Placa da divisa de território entre Paraguai e Brasil, 2019.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Podemos notar na fotografia nº 5 um conjunto de elementos e marcos como as bandeiras, placas de sinalizações. E à direita o monumento símbolo da união e da integração entre as culturas locais, que são a cuia de chimarrão hábito dos brasileiros e a cuia de tereré costume dos paraguaios. São referências de culturas que convivem e se complementam em virtude da proximidade.

Uma das poucas fotos que consegui tirar de dentro do ônibus, a ponte reformada, permite pouca visibilidade da paisagem externa. Tais elementos arquitetônicos na paisagem reforçam o controle fronteiro na região, que visa evitar que objetos sejam arremessados de cima da ponte para o lado brasileiro. Fotografia da Ponte da Amizade que une as cidades de Ciudad del Este (Py) e Foz do Iguaçu (Br), 2019.



Fotografia 6. Ponte da amizade entre Brasil e Paraguai, 2019.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

A Ponte da Amizade passou por reformas que visavam ao aumento da segurança e para evitar ações ilícitas como o contrabando e o tráfico de drogas na região de fronteira. A obra recebeu grades, cobertura metálica e separações entre o trânsito a pé e motorizado. As fotografias servem para registrar essas mudanças na arquitetura da paisagem. Onde seria possível visualizar as margens do rio Paraná, atualmente pode-se ver os detalhes do processo de securitização das fronteiras transnacionais.

Os Prédios, monumentos e placas informativas em praças, parques e obras públicas, as imagens da cidades de fronteira

Os prédios públicos que expressam a presença do estado nos territórios de fronteira. Temos na sequência o Palácio da Justiça em Pedro Juan Caballero, com uma arquitetura de traços retos e modernos chama a atenção pela organização e limpeza no entorno, assim como o cuidado com os jardins e árvores de espécies importadas.



Fotografia 7. Prédio do Palácio da Justiça em Pedro Juan Caballero, 2019.



Fonte: arquivo pessoal, 2019

Observamos os prédios imponentes representando o poder estatal, o poder econômico, na figura do Caixa Eletrônico de uma instituição financeira privada internacional. Sua arquitetura evoca organização em linhas retas e um projeto urbanístico que privilegia as linhas retas e os tons terrosos.

Fotografia 8. Prédios Públicos em Pedro Juan Caballero, 2019.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.



Fotografia 9. Prédios Públicos em Pedro Juan Caballero, 2019.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Percebemos a decoração do Outubro Rosa em alusão a importância da prevenção ao câncer de mama. Notamos a mesma preocupação em lembrar da data no Palácio do Governo do Departamento de Amambay, na sequência. É uma forma de associar a presença do estado a causas sociais de saúde pública de uma larga escala de alcance.

Fotografia 10. Monumento ao lado da Gobernación, PJC, 2019.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.



Nota-se nesta fotografia uma estátua de Marechal Francisco Solano López ao lado do Palácio do Governo, muito comum em parques públicos para fazer referência aos líderes políticos que representam o poder estatal sobre o território.

Fotografia 11. Estátua de Marechal Francisco Solano López ao lado do Palácio do governo.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

A cidade de Pedro Juan Caballero (PY) é conhecida por suas numerosas praças e áreas de lazer ao ar livre. Esses espaços são muito utilizados para as feiras e comercialização de produtos hortifrutigranjeiros e de hortaliças em lugares específicos



das praças. Mas notamos a presença do estado ao sinalizar que é proibido circular com motos no interior da praça em uma placa ao lado de outra com a sua denominação.

Fotografia 11. Plaza Tte. Francisco Manuel Valdez.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Fotografia 12. Monumento aos Pioneros na Plaza Laguna Punta Porã, PJC.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Algumas fotografias fazem referência aos processos históricos regionais, como essa homenagem aos pioneiros produtores de erva-mate que transportavam com carroças para a venda em outros locais, destaca que muitos utilizavam a região onde está localizada a Laguna Punta Porã para descansar das longas viagens, antes de seguir caminho para o lado brasileiro. E na sequência a fotografia da placa que anuncia a ampliação e reforma



do Estádio Municipal Plurianual de Pedro Juan Caballero. Uma obra que esteve estagnada por muito tempo por falta de investimento, mas que apresenta sinais de que será finalizada.

Fotografia 13. Placa de reforma do Estádio Municipal ao lado Laguna Punta Porã, PJC.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Fotografia 14. Plaza Laguna Punta Porã, PJC.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

A Laguna Punta Porã é um elemento natural paisagístico de beleza cênica, mas que também tem uma relevância histórica e sociocultural para a governança de Pedro Juan Caballero. Esse lugar foi alvo de disputas territoriais e passou por um processo de



remodelação, sendo que conserva o antigo nome da cidade, Punta Porã (Py). Percebe-se uma atmosfera mais bucólica, um clima mais ameno no entorno da laguna, que tornou-se um ponto de encontro entre os jovens; e local de descanso das pessoas da terceira idade.

Nas tratativas entre os governos as micro relações fronteiriças poucas vezes foram consideradas, por isso até os dias atuais perpetua-se uma forma de viver a fronteira como um não lugar para alguns (geralmente aqueles que se utilizam desses espaços para o seu trânsito – o lugar de passagem), e simultaneamente como o lugar de pertencimento, que produz identidade e uma cultura de alteridade. Dadas as formas possíveis de transitar por essas paisagens transfronteiriças, para além das determinações legais extra-locais expressas nos marcos, cancelas, aduanas, alfândegas. Essas marcas do estado-nação nos apresentam um conjunto de normas legais, mas que se tornam previsíveis em termos de controle e que nem por isso são integralmente consideradas na lógica da fronteira. Essa relativização das leis é uma estratégia de (re) existência dos fronteiriços.

Fotografia 15. Comércio na fronteira de PP (Br) e PJC (Py), 2019.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Essas fotografias nos remetem ao perceptível esforço que essas economias fronteiriças tiveram para consolidarem-se, tanto pelo empenho dos agentes locais, quanto como uma tentativa dos governos centrais para assegurar os seus limites territoriais com uma organização legal instituída. Após longo tempo de indefinições e dificuldades de legitimação desses limites, pois sempre se aventaram estratégias, as quais se mostravam



pouco efetivas. De modo que a Linha Internacional se consolidou após muitos debates e acertos políticos e administrativos nem sempre equilibrados em termos jurídicos e territoriais, dadas as contendas históricas. No sentido de implementar melhorias, técnicas de trabalho e estratégias de enfrentamento aos estereótipos à violência que permeiam esse trânsito das fronteiras. Para conseguir se manter nesses locais com muitas dificuldades de investimentos de acesso aos recursos federais, os governos locais tiveram de desenvolver os próprios instrumentos de gestão para a implementação de seus projetos sociais e econômicos.

Pois voltamos à percepção de que todos os movimentos se dão no território, seja em direção aos mercados globais como a instalação de uma maquiladora na linha de fronteira de Pedro Juan Caballero; seja nas feiras e mercados que vendem as ervas, chá e o polvilho para o preparo das chipas paraguaias, que são tradicionais e que permanecem na paisagem como marcas de uma territorialidade transfronteiriça. Pelo fato de as pessoas serem confrontadas com discursos de monitoramento e controle, esses elementos da paisagem transfronteiriça se diluem no momento em que se tornam naturalizados, quase imperceptíveis, estão mesmo presentes no cotidiano. Nos idiomas, pois existem linguagens que permitem esse reconhecimento. Portanto, ser fronteiriço e estar imerso nesses marcos e signos estatais que territorializam desterritorializando, caracteriza uma existência fluida, a qual transita no trilinguismo, no câmbio fácil, no comércio local permanente da Linha Internacional. As marcas nos territórios são evidentes e reforçam esses cenários de fluidez e transformações que se constituem na paisagem fronteiriça. Longe de serem locais de controle estatal, somente, as fronteiras são novos cenários geopolíticos de alteridade e integração regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do estado na paisagem transfronteiriça e as ambiguidades na interpretação das imagens, nos permitiu observar as relações que se tornam naturalizadas com esses marcos, pelo fato de as pessoas serem todo o tempo confrontadas com discursos de monitoramento e controle, esses elementos da paisagem transfronteiriça se diluem no momento em que passam a ser naturalizados e mesmo presentes estão quase que imperceptíveis, mas estão ali, no idioma, na forma como os moradores locais evitam de falar quando notam sua presença, pois sabem quem não é fronteiriço. Pois sim, existe



uma linguagem que permite esse reconhecimento. Essas análises ganham forma pela pesquisa de campo, registros fotográficos que captaram as relações do estado com distintas territorialidades expressas nas paisagens transfronteiriça, como forma de se fazer presentes em demarcações que estão carregadas de simbolismos e subjetividades que perpassam as interações.

Percebemos essas relações interpessoais e dos usos desses espaços por meio do que Dorfman (2009) denominou de a Condição fronteiriça, que é a forma como as pessoas que moram na região de fronteira organizam suas vidas, a partir do desenvolvimento de estratégias de existência, ao criarem uma linguagem própria dos fronteiriços, que é um conhecimento local, dotado de uma metodologia de saber transitar por legislações distintas, ter o domínio dos três idiomas guarani (língua materna), espanhol (idioma do colonizador), português (idioma dos brasileiros), como forma de ter acesso ao trabalho, aos recursos e ter passabilidade. Também está expressa na cultura, na música, na literatura e nas artes como elementos típicos da ambiência fronteiriça. Por fim, caminhar por essas ruas resultou em novos questionamentos e em outras ideias sobre o que representa ser fronteiriço, percebi que existe uma diversidade de formas de ser fronteiriço, pois temos aqueles que trabalham em Ponta Porã, mas toda a sua vida (família, amigos, patrimônio está em Pedro Juan), aqueles que são brasileiros e moram em Pedro Juan, pois os imóveis e o custo de vida são mais baratos. E ainda, aqueles que são pedrojuaninos, mas que transitam entre esses territórios desde sempre, e para eles isso é natural ter essa vivência transfronteiriça somente agregou às suas vidas.

Deste modo, as pessoas escolhem viver na fronteira, pois têm parentes de ambos os lados, ou por que estão de certa forma habituadas a essa paisagem que lhes permite uma mobilidade entre territórios distintos e, de certa forma, é possível usufruir dessa condição. Não somente por trata-se de uma fronteira seca Pedro Juan Caballero e Ponta Porã são resultado de um processo histórico que, seja por força da imposição do contexto geopolítico, seja pelas relações estreitas com o vizinho, de interação e cultura imbricadas, as estratégias de vida, as culturas que se entrecruzam ao atravessarmos a rua. Fizeram florescer nessa região algo inovador ao se pensar a paisagem de fronteira.

Portanto, ser fronteiriço e estar imerso nesses marcos e signos estatais que territorializam desterritorializando, caracterizam uma existência fluida, a qual transita no trilinguismo, no câmbio fácil, no comércio local permanente da Linha Internacional. As marcas nos territórios são evidentes e reforçam esses cenários de fluidez e ambiguidades



que se constitui na paisagem fronteira. Essas são algumas contribuições para a atualização da discussão sobre fronteira e estado-nação nas diferentes escalas de análise.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. “Espíritos de Estado. Gênese e estrutura do campo burocrático”. In *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996. P. 91-135.

CLAVAL, Paul. *Les espaces de la politique*. Paris: Librairie Armand Colin, 2010.

DONNAN, Hasting; WILSON, Thomas M. *Borders: frontiers of identity, nation and State*. Oxford: Berg Editorial Offices, 2001. 182p.

DORFMAN, Adriana. CD Iconográfico de Adriana Dorfman 0001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dHBGfjXGzO8&t=52s>>. Acesso em 10 de out. 2020.

DORFMAN, Adriana. *Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Geografia, (2009), p.360. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/265549%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/265549%20(1).pdf)>. Acesso em: 07 de dez 2020.

HAESBAERT, Rogério. *TERRITÓRIO E MULTITERRITOALIDADE: UM DEBATE*. Universidade Federal Fluminense. *GEOgraphia* - Ano IX Nº 17 - 2007. Disponível: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/30918017/haesbaert-territorio-e-multiterritorialidade>>. Acesso em 25 de nov. 2020.

MASSEY, DOREEN B.: *PELO ESPAÇO: UMA NOVA POLÍTICA DA ESPACIALIDADE*. TRAD. HILDA PARETO MACIEL; ROGÉRIO HAESBAERT. RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 2008. 312 P.

SAQUET, Marcos A. *ABORDAGENS E CONCEPÇÕES DE TERRITÓRIO E TERRITORAILIDADE*. *Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL*, 2011 - Costa Rica pp. 1-16. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3039-Texto%20del%20art%C3%ADculo-6747-1-10-20111215.pdf>>. Acesso em: 23 de nov. 2020.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão popular, 2007. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/4703-Texto%20do%20artigo-17992-2-10-20130831%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/4703-Texto%20do%20artigo-17992-2-10-20130831%20(3).pdf)>. Acesso em 07 de dez 2020.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções de território*. 4 ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015. 192 f.



SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2011. 128 p. [RESENHA]. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/17571-Texto%20do%20artigo-82557-1-10-20120829%20(1).pdf>. Acesso em: 07 de dez 2020.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6.^a ed. 2 reimp. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, Antenor Alves (Org.). INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE JEAN GOTTMANN. EDITORA CRV. Ano de edição: 2017.